

DE OLHO NO MUNDO DO

BOLETO



PELA VALORIZAÇÃO
DO TRABALHO, DA SAÚDE E DA VIDA!

BOLETIM DE NOVEMBRO

**CIGARRO ELETRÔNICO E
NARGUILÉ: LOBOS EM PELE
DE CORDEIRO**

**LEI NACIONAL ANTI FUMO:
BRASIL ANDA A PASSOS
LARGOS NO CONTROLE DO
TABAGISMO**

BOLETIM DE NOVEMBRO

O Boletim de novembro do Departamento de Estudos Sócio- Econômicos Rurais (Deser) aborda aspectos de dois novos produtos que se tornaram as grandes apostas das indústrias de cigarro. O Narguilé e o Cigarro Eletrônico estão entre as novas alternativas das tabaqueiras para manter seus lucros diante da diminuição no número de fumantes, registrada em diversos países nos últimos anos.

Estes dois produtos, muitas vezes são tidos como inofensivos e acabam atraindo cada vez mais usuários que, em sua maioria, são jovens.

Porém, estudos recentes mostram que tanto o Narguilé como o Cigarro Eletrônico são tão prejudiciais à saúde quanto os cigarros convencionais.

Outro tema abordado no Boletim é a Lei Anti fumo nacional que entrou em vigor no último dia 03/12. Com a nova lei fica proibido o consumo de cigarro em qualquer ambiente de uso coletivo, seja ele público ou privado. Assim, ficam extintos os antigos fumódromos, seja em empresas, em bares, restaurantes ou outros estabelecimentos de uso coletivo.

CONFIRA



CIGARRO ELETRÔNICO E NARGUILÉ: LOBOS EM PELE DE CORDEIRO

LEI NACIONAL ANTI FUMO: BRASIL ANDA A PASSOS LARGOS NO CONTROLE DO TABAGISMO



BOLETIM DE NOVEMBRO

Cigarro Eletrônico e Narguilé: Lobos em pele de cordeiro

Diante da diminuição no número de fumantes, registrada na última década em diversos países, a Indústria do Cigarro tem procurado alternativas para manter seus lucros. O Cigarro Eletrônico, também conhecido como E-Cigarro e o Narguilé, são as principais apostas das tabaqueiras. Os dois produtos despertam mais interesse entre o público jovem e são retratados pela Indústria como inofensivos. O E-Cigarro, por exemplo, é tido por muitos como um aliado daqueles que pretendem parar de fumar. Porém, estudos recentes comprovam que ele pode conter até dez vezes mais agentes cancerígenos que o cigarro comum. Já o uso do narguilé durante uma hora contém fumaça equivalente a cem cigarros ou mais.

E-cigarro

O cigarro eletrônico começou a ser produzido na China uma década atrás e apareceu no mercado americano e europeu em 2007. Desde então, a disseminação desses vaporizadores foi rápida. Só na Grã-Bretanha, o número de usuários triplicou nos últimos dois anos, de 700 mil para 2,1 milhões de pessoas, calcula a organização britânica Action on Smoking and Health. Uma estimativa divulgada pela CNBC indica que, nos Estados Unidos, esse mercado movimentou 1,7 bilhões de dólares em 2013.

No Brasil, a venda de cigarros eletrônicos foi proibida pela Anvisa em 2009. A Agência destaca que, além da nicotina, esses artefatos emitem substâncias que também poderiam ser nocivas à saúde (nitrosamina e dietilenoglicol).

Como Funciona

A primeira geração de cigarros eletrônicos procurava imitar um cigarro convencional ou, em alguns casos, um cachimbo. Alguns ainda são assim e têm até um LED na ponta que simula a chama. Há também carregadores de bateria em forma de maço de cigarros. Mas modelos mais recentes têm forma de tubo metálico, sem tanta semelhança visual com um cigarro.

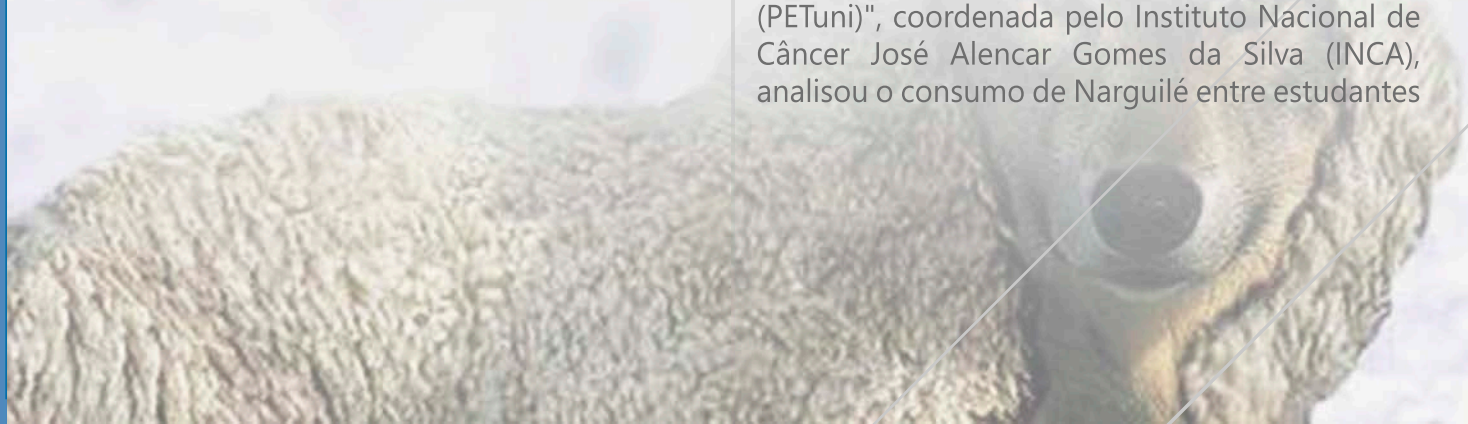
O componente central desse artefato é o vaporizador. Nele, há uma resistência elétrica alimentada a bateria. Ela se aquece e transforma em vapor um líquido armazenado num cartucho substituível. É esse vapor que é aspirado pelo fumante. O líquido contém nicotina, aromatizantes e propilenoglicol, um composto orgânico que funciona como solvente.

Narguilé

O Arguile, ou Narguilé, teve sua origem na Índia e logo começou a ser usado em países do Oriente como Líbano, Síria, Jordânia, Turquia, Iraque, Albânia, Grécia, Israel. O artefato é um cachimbo de água utilizado para fumar. Há diferenças regionais no formato, e no funcionamento, mas o princípio comum é o mesmo, a fumaça passar pela água, antes de chegar ao fumante. É tradicionalmente utilizado em muitos países do mundo, em especial no Norte da África, Oriente Médio e Sul da Ásia.

Hoje a popularidade do Narguilé é maior entre o público jovem. Estima-se que cerca de 100 milhões de pessoas usam Narguilé para fumar tabaco todos os dias no mundo, de acordo com a pesquisa americana "Reduzindo o uso do Narguilé - Um desafio para o século XXI".

No Brasil, a pesquisa "Perfil do Tabagismo entre Estudantes Universitários no Brasil (PETuni)", coordenada pelo Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), analisou o consumo de Narguilé entre estudantes



BOLETIM DE NOVEMBRO

da área de saúde.

O estudo mostrou que no ano de 2011, em Brasília e São Paulo, dentre os estudantes que declararam consumir com frequência algum tipo de produto derivado do tabaco diferente de cigarro, 63% a cerca de 80%, respectivamente, fizeram uso do narguilé.

Tão prejudicial quanto o cigarro

O Conselho Federal de Medicina (CFM) chama atenção dos médicos e da sociedade sobre os riscos relacionados ao consumo do narguilé e do cigarro eletrônico, utilizados especialmente entre os jovens. A Comissão de Controle do Tabagismo do CFM produziu alerta – referendado pelo plenário da entidade – onde ressalta que todas as formas de uso do tabaco, mesmo aquelas apontadas - de forma equivocada - como menos nocivas, comprometem a saúde e uma melhor qualidade de vida.

Segundo o CFM, há um acúmulo de evidências que sugerem que fumar narguilé e cigarros eletrônicos pode trazer riscos semelhantes ou mesmo maiores que outras formas de uso de tabaco, comprometendo a saúde de seus usuários.

O estudo está publicado na *Cancer Epidemiology, Biomarkers & Prevention*, uma revista da Associação Americana para Pesquisa do Câncer. De acordo com os pesquisadores - liderados por Nada Kassem, diretora associada do Centro Comportamental de Epidemiologia e Saúde Comunitária, na Universidade do Estado de San Diego, na Califórnia - a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Programa Nacional de Toxicologia dos Estados Unidos, o narguilé exala benzeno classificado como cancerígeno do Grupo 1.

Relatório da OMS ainda diz que o benzeno é

cancerígeno para os seres humanos, explicando que não existe nível seguro de exposição. O narguilé, no entanto, é uma fonte de exposição ao benzeno, sendo, portanto, um fator de risco ainda maior para a leucemia.

O mais popular tipo de tabaco do narguilé é conhecido como Moassel, que é adoçado e contém cerca de 30% do tabaco fermentado com melaço e frutas misturadas com glicerina e substâncias químicas. Kassem e seus colegas observaram que, nos EUA, em 2013, 26,6% dos estudantes universitários homens e 23,2% do sexo feminino têm usado narguilé. De forma alarmante, 8,1% de estudantes do ensino fundamental e médio do sexo masculino e 6,6% do sexo feminino, também têm utilizado a substância.

Seu consumo não está apenas ligado a um maior risco de leucemia, mas também para intensificar as causas de câncer pulmonar e oral, doenças cardíacas coronárias e doença pulmonar.

Pelo fato de muitas vezes o consumo de narguilé ser praticado em ambientes sociais, os pesquisadores examinaram a absorção de benzeno tanto para os fumantes ativos, quanto passivos. Ambos tiveram aumento na captação de benzeno.

A equipe analisou os níveis de ácido fenilmercaptúrico - que é um metabólito de benzeno - na urina de 105 fumantes de narguilé e de 103 não-fumantes. As amostras de urina foram coletadas na manhã seguinte do consumo em uma casa particular.

Os resultados mostraram que, nos fumantes, a captação cresceu 4,2 vezes depois de fumar em um salão e 1,9 vezes depois de fumar em uma casa particular. Enquanto isso, a captação de não-fumantes aumentou 2,6 vezes depois de participar de um evento em um salão específico.

Já os cigarros eletrônicos podem conter até dez vezes a quantidade de agentes cancerígenos de um cigarro comum, mostrou um estudo japonês divulgado no mês de novembro. Os

BOLETIM DE NOVEMBRO

pesquisadores encontraram diversas substâncias que podem provocar câncer nos vapores absorvidos por quem utiliza esse produto: formaldeído, um composto também conhecido como formol, acetaldeído, acroleína, glioxal e metilglioxal, entre outros. "As taxas variam consideravelmente de uma marca para outra e inclusive dentro da mesma marca, de uma amostra para outra", destacaram os cientistas, que mediram as concentrações das diferentes substâncias em cinco marcas (não citadas) de cigarros eletrônicos.

"Em uma das marcas analisadas, a equipe de pesquisa encontrou um nível de formaldeído que chegou a dez vezes mais que o registrado em um cigarro tradicional", explicou o cientista Naoki Kunugita, do Instituto Nacional de Saúde Pública japonês, que coordenou o estudo. Ele afirmou ainda que quanto mais quente fica o fio que aquece o líquido, maiores são as quantidades produzidas dessas substâncias.

O estudo foi entregue ao Ministério da Saúde do Japão, que questiona, assim como seus equivalentes em outros países, até que ponto é necessário regulamentar o uso dos cigarros eletrônicos sem nicotina que utilizam líquidos perfumados. Os consumidores de cigarros eletrônicos no Japão são menos visíveis que os fumantes tradicionais e as lojas especializadas consideravelmente menos numerosas, mas a transição do tabaco para o vapor é um fenômeno crescente que provoca a preocupação das autoridades.

Lei Nacional Anti Fumo: Brasil anda a passos largos no controle do tabagismo

Entrou em vigor no último dia 03/12 a Nova Lei Anti fumo que proíbe o consumo de cigarros em locais fechados, como ambiente de trabalho e restaurantes, além de determinar o fim da propaganda em todo o território brasileiro. Ela

também extingue os fumódromos em ambientes coletivos e ampliam as mensagens de alerta em maços de cigarro vendidos no país.

A nova lei representa um grande avanço no controle do tabagismo e, conseqüentemente na redução no número de doentes por causas evitáveis. Além disso, a lei representa um motivo a mais para que fumantes abandonem o cigarro, e não fumantes pensem duas vezes antes de experimentar o primeiro.

Sancionada pela presidente Dilma Rousseff em dezembro de 2011, após ter sido aprovada no Congresso Nacional, e regulamentada em maio deste ano, a nova lei não visa cercear o direito dos fumantes, mas sim proteger os não fumantes dos prejuízos gerados pelo fumo passivo. Além disso, profissionais que trabalham em bares e restaurantes terão um ambiente de trabalho mais salubre.

Fiscalização

Os fumantes não devem ser fiscalizados. Poderá ser punido somente o estabelecimento que desobedecer as normas. Locais de comércio e restaurantes, por exemplo, deverão orientar os clientes sobre a lei e pedir para que não fumem, podendo chamar a polícia quando alguém se recusar a apagar o cigarro.

Onde pode e onde não pode

Segundo a nova legislação, fica proibido o fumo em locais coletivos fechados em todo o país, com exceção das tabacarias e dos cultos religiosos. As regras prevêm que as pessoas não poderão fumar em lugares públicos ou privados (acessíveis ao público) que possuam cobertura, teto, parede, divisórias ou toldos. Em varandas de restaurante com toldo, por exemplo, não será permitido o fumo, bem como na área coberta de pontos de ônibus. As normas também valem para narguilés ou qualquer tipo de fumígeno.



BOLETIM DE NOVEMBRO

Sem propaganda

Ainda de acordo com as regras, qualquer propaganda de cigarro será proibida, inclusive nos chamados 'displays' (painéis para anúncios nos estabelecimentos comerciais). A única forma de exibição dos maços deverá ser em locais de venda, mas, ainda assim, com 20% do espaço ocupado pela mensagem de alerta.

A partir de agora, 100% da face de trás da embalagem e uma das faces laterais terão que ter imagem e mensagem sobre os problemas relacionados ao fumo. A partir de janeiro de 2016, na parte frontal da embalagem, 30% do espaço será destinado a mensagens de alerta. Até então, esse tipo de mensagem só era estampada na parte de trás dos maços de cigarro.

Multas

Os estabelecimentos que desrespeitarem as regras poderão receber advertência, multa, ser interditados e ter a autorização de funcionamento cancelada. As multas irão variar de R\$ 2 mil a R\$ 1,5 milhão, de acordo com a infração. As vigilâncias sanitárias dos estados serão responsáveis pela fiscalização.